

Banda Musical Vinícius de Moraes: uma experiência vivenciada no Projeto de Extensão “Música Para Todos”, em São Luís-MA

João Fortunato Soares de Quadros Júnior
Universidade Federal do Maranhão
joaofjr@gmail.com

Ana Débora Pereira de Barros
Universidade Federal do Maranhão
anadeborahbarros@gmail.com

Flávio Barbosa Brandão Júnior
Universidade Federal do Maranhão
flavio_brandao01@hotmail.com

Celso Ulisses Costa Campos
Universidade Federal do Maranhão
ulissesufmasb@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo relatar as experiências de professores da modalidade Banda Musical do Projeto “Música para Todos” da UFMA, abarcando o período de 2015 e 2016. Esse projeto visa oferecer formação musical gratuita para moradores de comunidades de São Luís, com privilégio para aqueles que vivem em áreas de vulnerabilidade social. Essa experiência contou com a participação de 16 (dezesesseis) estudantes de ensino médio, com idades entre 15 e 17 anos. Como resultados, em primeiro lugar, podemos destacar o desenvolvimento musical, social e de habilidade cognitivas e motoras dos participantes, servindo a experiência como uma forma de empoderamento e afirmação dos estudantes junto aos seus colegas e professores. Em segundo lugar, enfatizamos a influência do projeto na formação acadêmica dos instrutores, servindo como laboratório pedagógico e campo de estágio para os alunos do Curso de Licenciatura em Música da UFMA. Dessa maneira, vislumbra-se que essa experiência possa ser útil para pesquisadores, professores e alunos de diversos lugares do Brasil, contribuindo para o surgimento de novas propostas de projetos musicais nos locais que mais precisam, bem como colaborar com o avanço das pesquisas em Educação Musical.

Palavras-chaves: Banda Musical, CE Vinícius de Moraes, Ensino Coletivo.

Introdução

O conceito de ensino coletivo está relacionado com a prática de ensino que possui uma metodologia específica para a aprendizagem da técnica de instrumento e das noções musicais, na qual o aluno participante assimila o conhecimento com o professor, com os outros colegas e se aprimoram em grupo (PAES; SANTOS, 2015). Isto é, o ensino coletivo parte do pressuposto de que todos os alunos precisam participar, aprender e praticar o instrumento de forma simultânea através de exercícios específicos orientados por um professor.

Todavia, os autores chamam a atenção que há um equívoco comum em associar o ensino coletivo com outras práticas musicais realizadas em grupo, como a prática de orquestra, música de câmara e a prática do *masterclass*, ambos que podem ser atividades complementares, mas tem naturezas diferentes na sua proposta de ensino:

É o caso da prática de orquestra que (...) tem como objetivo trabalhar em conjunto a interpretação de determinado repertório de acordo com as perspectivas estéticas, musicológicas e teóricas entendidas e sugeridas pelo maestro. (...) É também o caso da prática de *masterclass*, em que se tem um público com objetivo de assistir a uma aula ministrada por um determinado professor a um aluno, enquanto os outros apenas observam. É também, a situação da prática de música de câmara, quando um grupo de instrumentistas interpreta algumas obras musicais, mas não com a finalidade exclusiva da aprendizagem do instrumento e, sim, a de aplicar a técnica aprendida e adquirida anteriormente na aula de instrumento (quer seja em grupo quer seja individual), para a execução e interpretação da obra musical (PAES; SANTOS, 2015).

O princípio básico do ensino coletivo foi criado no século XVI por religiosos preocupados com o acesso de crianças desprivilegiadas à educação, mas também há uma outra vertente de origem creditada a Johann Bernhard Logier, sendo esta última aprimorada por Joseph Lancaster (MACHADO, 2016). Já o ensino coletivo de instrumentos musicais começou na Europa com a fundação por Felix Mendelssohn do Conservatório Leipzig na Alemanha no final do século XIX, como uma nova maneira de ampliar o quantitativo de alunos atendidos nas aulas de instrumentos, sendo mais tarde implementada nos Estados Unidos (CRUVINEL, 2004). De acordo com Oliveira (apud CRUVINEL, 2004), no século XIX era muito comum as instituições

familiares trabalhem com o ensino coletivo, se caracterizando como uma de suas principais fontes de renda, a qual era baseada na cobrança de taxas sobre as aulas e a venda de instrumentos musicais e de métodos exclusivos de ensino.

No Brasil, os primeiros registros de ensino coletivo remetem à década de 1950 com as aulas ministradas pelo professor José Coelho de Almeida em fábricas do interior paulista (Oliveira apud CRUVINEL, 2004). Na primeira metade da década de 1970, houve a introdução do ensino coletivo de piano, ocorrido com a implementação do Método Dr. Robert Pace pelo Conservatório Musical Santo Amaro (São Paulo) (MACHADO, 2016). Nessa mesma época, o casal Alberto Jaffé e Daisy de Luca iniciou um experimento de ensino coletivo em cordas e, mais tarde, em 1978, os mesmos foram solicitados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), através da Fundação Nacional de Arte (FUNARTE), a disseminar o projeto de ensino coletivo de cordas para todo o Brasil. Por conta desse trabalho, transformaram-se em referência na formação de profissionais de cordas no país e desenvolveram um programa metodológico de ensino coletivo chamado *The Jaffé String Program*, a convite do Pensacola Christian College, na Califórnia (Estados Unidos).

Atualmente, há uma crescente aceitação nas pesquisas acadêmicas sobre o ensino coletivo de instrumentos musicais como forma de educação musical, já que é um método que possibilita um importante processo de democratização do acesso ao estudo instrumental. Como prova disso, foi criado, no ano de 2004, o Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais (ENECIM), evento realizado anualmente no Brasil e que congrega diversos pesquisadores que trabalham com a temática do ensino coletivo, demonstrando a preocupação em discutir esse tema de uma forma mais aprofundada e estimular cada vez mais a sua inserção em escolas especializadas e na educação básica.

O Ensino Coletivo como forma de educação musical: aspectos positivos e negativos

A Lei nº 11.769, promulgada no dia 18 de agosto de 2008, estabelece o ensino obrigatório da música nas escolas. Mesmo ainda em discussão, ela já representa um avanço na

implantação efetiva da música na educação básica. Para aferir importância ao ensino coletivo dentro do currículo escolar (e também fora dele), o ponto de partida surge de algumas reflexões e questionamentos como os de Cruvinel (2004):

Por quê poucas pessoas estudam música? Só estuda música a pessoa que possui “dom” ou “talento musical”? Será que tenho “talento” suficiente para me tornar uma profissional? A crença no conceito de dom e talento, entendidos como dote, qualidade natural e aptidão inata, é uma das razões pela qual algumas pessoas evitam estudar música. O discurso usual do dom musical ainda é atrelado à ideia de que os músicos são pessoas que por meio da “Iluminação Divina” trazem ao mundo belas melodias, como se fosse um demiurgo.

Ou seja, o ensino coletivo desmitifica essa visão do senso comum apresentada pela autora, já que os instrumentos musicais são assimilados em grupo, com vários alunos nos seus diferentes ritmos de aprendizado e que, mesmo assim, conseguem aprender a tocar. O foco do ensino em grupo não consiste na supervalorização da técnica, da habilidade excepcional e do virtuosismo, mas sim da democratização do acesso aos instrumentos e ao ensino musical (CRUVINEL, 2004).

Tourinho (2007) estabelece alguns princípios que devem ser aplicados no ensino coletivo.

- O aluno pode aprender a tocar um instrumento;
- Acreditar que todos podem aprender com todos, independente do seu nível de aprendizado;
- O planejamento da aula deve ser direcionada exclusivamente para o grupo, exigindo-se assiduidade, concentração e disciplina;
- Mesmo em grupo, o professor deve levar em consideração as habilidades individuais de cada um;
- Valorizar a autonomia e decisão do aluno;
- Eliminação dos horários vagos.

De acordo com Cruvinel (2005), os pontos positivos do ensino coletivo são: 1) pelo fato de estar em grupo, o aluno desenvolve a expressão, o respeito mútuo, a solidariedade; 2)

desenvolve o senso crítico, a noção de cidadania e a consciência política; 3) a teoria musical é associada à prática do instrumento, o que facilita o entendimento dos alunos; 4) os alunos conseguem aprender mais rápido, o que dá motivação para prosseguir nos estudos; 5) poucas desistências; 6) desenvolve a concentração, a memória, a coordenação motora, o raciocínio, a agilidade, a disciplina e a autoconfiança; 7) maior aceleração do processo de desenvolvimento dos elementos técnico-musicais 8) quando os alunos fazem apresentações públicas, os mesmos adquirem motivação, desinibição e segurança no que estão fazendo; 9) é um método de iniciação instrumental eficiente; 10) a didática e a metodologia de ensino são de acordo com o perfil e as necessidades do grupo. Outros aspectos positivos são identificados na pesquisa de Dantas (2010), quando são apontados os fatores que tornam as aulas coletivas de instrumento mais motivadoras. A razão que teve maior número de indicações pelos alunos participantes foi a convivência com os colegas, seguida, em ordem, pela oportunidade de aprender em grupo, sentir-se como parte de um conjunto musical, a atuação e o estímulo do professor e a sonoridade do grupo.

Por outro lado, alguns autores apontam alguns aspectos negativos do ensino coletivo. Como mencionado anteriormente por Tourinho (2007), o sexto princípio que rege o ensino coletivo é a eliminação dos horários vagos; mesmo que um aluno falte, os outros estarão presentes. Contudo, o aspecto negativo é que o professor terá que gerenciar a evolução dos faltosos, o que na visão da autora é uma das principais causas de desistências de alunos. Cerqueira (2010) evidencia que o ensino coletivo é uma metodologia eficaz nas turmas iniciantes, com economia de tempo e recursos financeiros. Porém, após o aluno ter um nível aperfeiçoado de técnica e conhecimento, o ensino coletivo não atende mais às metas mais avançadas de aprendizagem, sendo indicado o uso do ensino individual.

A metodologia de ensino coletivo de instrumentos musicais vem recebendo um número cada vez maior de adeptos no Brasil, sobretudo quando se trata de áreas que apresentam grande vulnerabilidade onde a música pode assumir uma função de elemento de ascensão social. Um exemplo disso é o Projeto de Extensão “Música para Todos” da UFMA, projeto este que tem como finalidade oferecer o ensino musical gratuito à população

ludovicense, bem como oportunizar experiências profissionais a estudantes do Curso de Licenciatura em Música da referida Universidade. Dessa maneira, serão apresentados na sequência relatos de experiência dos acadêmicos que lecionam a modalidade Banda Musical no Centro Educacional Vinícius de Moraes, escola da rede estadual de ensino de São Luís-MA.

Relato de experiência 1

A Banda Musical Vinícius de Moraes foi criada a partir de uma necessidade apresentada pelos próprios alunos da escola, que se reuniam semestralmente para realizarem apresentações musicais dentro de eventos culturais promovidos pela escola. Muitos desses discentes já tocavam em igrejas e possuíam instrumentos musicais, o que foi um facilitador para o desenvolvimento do projeto.

A demanda trazida pelos estudantes foi motivada pela participação deles no *Lei nº 11.769/2008: plano de ações para a inserção da música em escolas públicas de ensino médio no Maranhão*, uma parceria entre o Curso de Licenciatura em Música da UFMA e a SEDUC-MA, com financiamento da FAPEMA. Esse projeto fomentou a inserção da música como disciplina e (a partir do Projeto “Música para Todos”) como atividade extracurricular em 10 escolas estaduais de São Luís-MA durante o segundo semestre de 2015. Com isso, a oficina Banda Musical contou com a participação de 10 estudantes de ensino médio do CE Vinícius de Moraes.

As atividades da Banda Musical consistiam em reuniões semanais para decisão sobre o repertório, definição de arranjos, ensaios e apresentações no pátio da escola. Como a escola não possuía infraestrutura adequada para o trabalho, os encontros aconteciam no horário do almoço para que a música não atrapalhasse o desenvolvimento das aulas. Dessa maneira, os alunos traziam grande parte dos instrumentos de casa e a escola sedia materiais como microfones, teclado e caixas de som.

O repertório foi escolhido pelos próprios estudantes com base na apresentação que aconteceria na escola em um projeto de literatura que é desenvolvido anualmente. A partir daí, foram modificando as músicas da proposta inicial de acordo com o aparecimento de novas apresentações, como a I Mostra de Música da Escola Vinicius de Moraes.

Figura 1. I Mostra de Música do CE Vinícius de Moraes.



Fonte: Acervo do Projeto “Música para Todos”.

A culminância do projeto no ano de 2015 ocorreu na I Mostra Musical do Projeto Música na Escola, realizado no Palácio Henrique de La Rocque. Nesse evento a Banda Musical Vinícius de Moraes tocou com alunos de outras escolas, sendo o grupo responsável pelo acompanhamento de todas as apresentações.

Figura 2. I Mostra do Projeto Música na Escola.



Fonte: Acervo do Projeto “Música para Todos”.

Figura 3. Acompanhando os alunos de violão da UI Desembargador Sarney na I Mostra do Projeto Música na Escola.



Fonte: Acervo do Projeto “Música para Todos”.

Relato de experiência 2

A experiência em poder repassar certos conhecimentos musicais para estes adolescentes tem sido algo gratificante. Também pude notar que a vontade que eles demonstram, a atenção voltada para a prática musical e a assiduidade, me fornecem indícios da falta que o ensino musical faz dentro da escola e do quão importante é para eles participarem de tal projeto, apesar da falta de uma estrutura melhor (no que se refere a instrumentos musicais e sala de aula), a adesão e o envolvimento dos alunos é notoriamente satisfatório. A modalidade Banda Musical foi desenvolvida no primeiro semestre de 2016 como uma prática de conjunto em que selecionamos algumas músicas e as executamos de acordo com os conhecimentos musicais prévios dos alunos, nos adaptando aos instrumentos disponíveis na escola ou que os interessados possuíam.

As aulas acontecem uma vez por semana, na própria escola, com duração de 1 (uma) hora, tendo como participantes 6 (seis) alunos do ensino médio com faixa idade entre 15 e 17 anos. Essa oficina deu continuidade ao trabalho desenvolvido em 2015 e se tornou uma modalidade do Projeto “Música para Todos”, do curso de Licenciatura em Música da UFMA. Ela

funciona concatenada com a modalidade Canto Coral, sendo elaborados repertórios colaborativos entre as modalidades como também específicos.

Devido à falta de instrumentos e equipamentos, por vezes tenho que levar meu próprio equipamento de som para uma melhor execução, uma vez que na escola não há todo o aparato necessário. Apesar disto, há apoio e esforço da direção para nos ajudar a realizar um bom trabalho, inclusive oferecendo alimentação para que os alunos possam participar das aulas, uma vez que ela acontece no horário do almoço para não trazer incômodos às aulas curriculares em função do barulho.

Originalmente, esta modalidade tinha como proposta contemplar o aluno que tocasse algum instrumento. Dessa maneira, buscamos dar orientações com relação a execução dos instrumentos, ainda que essas dicas não sejam, necessariamente, para o repertório escolhido. Além desse público, recebemos alguns interessados em participar do projeto, mas que não tocavam nenhum instrumento. Assim, fomos adaptando a proposta original à realidade que encontramos, buscando ampliar o público participante.

Sabendo que cada um deles traz consigo uma história, valores e crenças, a escolha do repertório tentou contemplar a “bagagem” e o histórico musical dos participantes, de tal forma que eles pudessem se identificar mais com o trabalho e, assim, conseguissem desenvolver melhor a sua prática instrumental. Com o passar do tempo, novas canções (que não faziam parte do contexto habitual deles) foram acrescentadas ao repertório de forma a diversificar o “leque” musical dos mesmos, proporcionando-lhes novas experiências e desafios.

Com relação aos participantes, nos deparamos com uma clientela de estudantes que tocam uma boa variedade de instrumentos como violão, contrabaixo, percussão, violino e triângulo. Devido a essa diversidade, fomos adaptando os arranjos das músicas para que todos pudessem participar. Essa variedade de instrumentos constituiu para mim um grande desafio, dada a dificuldade em se harmonizar instrumentos que normalmente não aparecem executando músicas junto, como o triângulo e o violino, levando-se em consideração que os arranjos originais de algumas das músicas não aparecem nenhum dos dois instrumentos. Em contrapartida, essa oportunidade de misturar e experimentar novas possibilidades musicais

tornou o desafio empolgante, levando-nos a encontrar soluções factíveis e interessantes para o agrupamento dos instrumentos. Em alguns casos, decidimos contar com a colaboração dos estudantes, estimulando assim criatividade, o conhecimento e desenvolvimento musical e a participação deles no projeto, tornando-os mais confiantes e conscientes do trabalho realizado.

O momento culminante desse semestre foi a apresentação realizada na própria escola em parceria com os alunos da modalidade Canto Coral. Tocamos para todos os alunos da escola no evento em comemoração ao Dia dos Namorados, apresentação esta solicitada pela direção da escola.

Figura 4. Apresentação em comemoração ao Dia dos Namorados.



Fonte: Acervo do Projeto “Música para Todos”.

Considerações Finais

É importante frisar que o Centro Educacional Vinícius de Morais está localizado no bairro Divineia, um dos que apresentam os maiores índices de violência e pobreza de São Luís-MA. Dessa maneira, esperamos que a música possa contribuir para que esses adolescentes elevem sua autoestima e autoconfiança, tornando-os estudantes melhores e cidadãos mais

conscientes e participantes da sociedade onde estão inseridos, sendo agentes transformadores do atual quadro de vulnerabilidade social daquela região.

Com base nos relatos, foi possível verificar também a importância do projeto para os professores, se tornando um campo importante para o desenvolvimento de competências pedagógicas trabalhadas no Curso de Licenciatura em Música da UFMA. Assim, espera-se que o Projeto “Música para Todos” possa ampliar o número de modalidades, que atualmente são 7 (violão, canto coral, banda musical, fanfarra, flauta doce, musicalização infantil, cavaquinho), se concretizando como um importante campo de estágio e prática docente para um maior número de acadêmicos.

Finalmente, vislumbra-se que essa experiência possa ser útil para pesquisadores, professores e alunos de diversos lugares do Brasil, contribuindo para o surgimento de novas propostas de projetos musicais nos locais que mais precisam, bem como colaborar com o avanço das pesquisas em Educação Musical.

Referências bibliográficas

CERQUEIRA, Daniel Lemos. Categorização do Ensino de Instrumentos Musicais e Canto. In: ENCONTRO REGIONAL DA ABEM NORTE, 5., Manaus, 2010. *Anais...* Manaus: ABEM, 2010.

CRUVINEL, Flávia Maria. Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: aspectos históricos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 1., Goiânia, 2004. *Anais...* Goiânia: UFG, 2004. p.76-80.

_____. *Educação Musical e Transformação Social: uma experiência com o ensino coletivo de cordas*. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005. 256p.

DANTAS, Tais. Aprendizagem do instrumento musical realizada em grupo: fatores motivacionais e interações sociais. In: COLÓQUIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIRIO, 15., Rio de Janeiro, 2010. *Anais...* Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010.

MACHADO, Simone Gorete. A presença do piano em grupo em instituições de ensino superior no Brasil. *Revista Orfeu*, Florianópolis, Ano 1, n 1, p. 132-155, jan./jun. 2016.

PAES, Ana Roseli Paes; SANTOS, Wilson Rogério dos Santos. Ensino em grupo de instrumentos musicais nas escolas públicas: mais que uma possibilidade, uma necessidade. *Revista de estudios e investigación en psicología y educación*, Vol. Extr., n. 4, p. 60-63, 2015.

TOURINHO, Ana Cristina. Reflexões sobre o ensino coletivo de instrumentos na escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTO MUSICAL, 1., Goiânia, 2004. *Anais...* Goiânia: UFG, 2004. p.37-43.

_____. Espaços e ações profissionais para possíveis educações musicais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v.15, p. 7-10, set. 2006.

_____. Ensino coletivo de instrumentos musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história. In: CONGRESSO ANUAL DA ABEM, 16., 2007, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: ISME, 2007.